

Jogos de memória e identidade em <i>O último suspiro do Mouro</i> , de Salman Rushdie Telma Borges	245
Pareceristas	271
Normas da revista	273

Apresentação

Este número da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* tem como tema “Literatura e Saberes”. Além, naturalmente, de pautar-se pela temática proposta, a aceitação dos artigos dependeu da existência de estudo comparativo, de modo que essa foi a primeira questão apresentada aos pareceristas (relacionados neste número) que colaboraram na seleção dos artigos, aos quais as editoras agradecem a contribuição generosa.

Selecionados os artigos, foi realizada a sua ordenação que teve como critério amplo a apresentação inicial de textos de caráter mais genérico. Os títulos dos artigos – “A literatura comparada nesse admirável mundo novo”; “*Weltliteratur*, um conceito transcultural”; “Literatura, crítica e saber na esfera multiculturalista”; “Nação: civilização e barbárie”; “Ficção e ensaio”; “O não-lugar de Machado, mestiço, na crítica naturalista”; “A vida e os prêmios que ela comporta: darwinismo social e imaginação literária no Brasil”; “A ilustração viajante e as suas sombras”; “As representações de Adolphe D’Assier da gente e da terra brasileiras publicadas na *Revue de Deux Mondes*”; “Jogos de memória e identidade em *O último suspiro do Mouro*, de Salman Rushdie” – já apontam tal direção.

Em “A literatura comparada nesse admirável mundo novo”, dedicado à memória de Tania Franco Carvalhal, Rita Terezinha Schmidt reflete sobre os vínculos “entre globalização, violência, miséria humana e degradação ambiental”, tendo como ponto de partida a barbárie com que convivemos, para debater o papel dos estudos literários nesse universo. Desse modo, retomando a discussão sobre a ambivalência das novas tecnologias de informação, pro-

põe a intervenção da literatura comparada na rede virtual, trazendo o diálogo, o respeito à alteridade e à diversidade de línguas e culturas.

O segundo artigo aqui publicado, de Eloá Heise, rastreia o percurso de formação do conceito de *Weltliteratur* em Goethe, para quem havia um denominador comum ou uma dimensão comunicativa (um conceito transcultural, portanto) entre as literaturas nacionais a ser levado em consideração. Levantando as diferentes acepções do termo em Goethe, aponta aquelas que se relacionam com conceitos contemporâneos ao mundo globalizado.

Paulo César Silva de Oliveira, por sua vez, examina, nas manifestações multiculturalistas do comparatismo contemporâneo, a visão da literatura como um “campo de saber privilegiado acerca do mundo e da sociedade”. Investiga pontos de diálogo “entre texto literário e sociedade, texto crítico e criação artística” na atual produção comparatista.

Em “Nação: civilização e barbárie”, Josalba Fabiana dos Santos reflete sobre as relações entre a civilização e a barbárie nas obras de Cornélio Penna – em especial em *A menina morta* – e Sarmiento em *Facundo*. Os vínculos entre a civilização e a barbárie manifestam-se nesses dois escritores, de países e tempos diversos, de modo diferente: Cornélio Penna, afastando-se do processo desenvolvimentista da década de 1950, procura investigar a violência na sociedade brasileira escravocrata da segunda metade do século XIX. Sarmiento, escrevendo no século XIX, idealiza seu país como nação civilizada de acordo com os preceitos da Europa.

Os autores de “Ficção e ensaio” – Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto – discutem a recepção, pela crítica, de *Os sertões* como obra literária e a incorporação de *Grande sertão: veredas* como ensaio. O exame de vários estudos sobre os dois livros permite acompanhar como o texto de Euclides da Cunha, por mais de um século, é visto como obra compósita, fazendo parte, simultaneamente, da literatura, da história e da ciência, entendimento lançado pela crítica logo após a primeira edição. Do mesmo

modo, observa-se como o romance de Guimarães Rosa começa a ser considerado como ensaio ou investigação sobre as relações de poder no país. Essas considerações da crítica levam à reflexão sobre a indistinção entre história e literatura, ciência e ficção.

Joana Luíza Muylaert de Araújo, em sua investigação sobre a crítica machadiana, verifica que os desacordos acerca de sua obra, iniciados com os estudiosos contemporâneos do escritor (especialmente Silvio Romero) ainda merece atenção. Para a articulista, a base da polêmica é o modo peculiar de Machado manifestar o nacionalismo e propõe que os assim considerados desacertos da crítica naturalista sejam examinados “como paradoxos constitutivos de todo trabalho rigoroso de interpretação” dentro de um determinado contexto histórico. Além do nacionalismo, outros temas são examinados como a mestiçagem e a representação literária.

Em “A vida e os prêmios que ela comporta’: darwinismo social e imaginação literária no Brasil”, Luciana Murari examina a maneira como o darwinismo social foi diversamente incorporada por escritores brasileiros na passagem do século XIX para o século XX. Se Machado de Assis e Lima Barreto manifestaram uma posição crítica perante tal conceito, outros autores, como é o caso de Euclides da Cunha, tomaram o darwinismo como princípio que permitiria o entendimento dos “conflitos sociais e da relação do homem brasileiro com a natureza do país”. Desse modo, tem-se uma reflexão sobre a comunicação entre literatura e ciência, seus significados e implicações ideológicas na época.

O artigo de Celdon Fritzen versa sobre as contradições encontradas no modo de representação da Amazônia em relatos de viagem de estrangeiros. Os relatos examinados atêm-se, especialmente, à cultura dos povos da mata, a seus mitos, revelando a maneira como o pensamento iluminista evidencia a superioridade do conhecimento científico e a subalternidade dos habitantes da Amazônia como os indígenas. Ressaltam, dessa forma, procedimentos de

reconstrução da tradição de relatos anteriores, pela crítica ao que era considerado como fantasia.

Outro trabalho sobre relato de viagem é o de Katia Aily Franco de Camargo que, em seu estudo sobre as representações do Brasil feitas pelo francês Adolphe d'Assier na *Revue des Deux Mondes* no século XIX, mostra uma visão ampla da perspectiva do publicista.

A memória e a identidade, no romance *O último suspiro do Mouro* em Salman Rushdie, são os temas analisados por Telma Borges. Na obra, a identidade é construída por meio da memória, apresentada como uma rede em que o esquecimento forma os espaços vazios.

Com os artigos publicados, as editoras e a comissão editorial do décimo primeiro número da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* esperam fornecer aos leitores a oportunidade de acompanhar algumas pesquisas realizadas no âmbito do comparatismo no que se refere à literatura e saberes.

Maria Célia Leonel
Ívia Alves

A literatura comparada nesse admirável mundo novo

Rita Terezinha Schmidt*

RESUMO: No quadro da barbárie entranhada na história do presente, apresento reflexões em torno de relações entre globalização, violência, miséria humana e degradação ambiental, fazendo um contraponto dessa realidade com os avanços do conhecimento na área dos estudos literários para indagar sobre a sua (in)eficácia em termos de intervenção na prospecção de um mundo distópico. Nessa linha de argumentação, retomo o debate em torno das novas tecnologias de informação e do impacto de suas redes de poder na relação ambivalente com a democratização do conhecimento. Argumento que a inserção da literatura comparada na rede virtual deve contemplar os princípios da alteridade e da razão imaginativa e dialógica inerentes à prática comparatista e que conferem aos seus saberes singularidade e importância ímpar na luta pela sobrevivência e respeito à diversidade das línguas e das culturas humanas, o que, por suas implicações, constitui uma ação de preservação da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização, conhecimento, comparatismo, diversidade, resistência.

ABSTRACT: Before the picture of barbarism entrenched in contemporary history, I here present a reflection upon the relations between globalization, violence, human destitution and environmental disasters, making a counterpoint between such a reality and the advances in the field of literary studies so as to raise the question of its (in)efficacy regarding an intervention in the prospect of a dystopian world. Following this line of argument, I draw attention to the debate about the new information technologies and the impact of their webs of power on the ambivalent relation with the democratization of knowledge. I argue that the inclusion of comparative literature in the world wide web must follow the principles of alterity and of imaginative and dialogic reason inherent to the comparatist practices,

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).